



## Pelo poder de “fazer ver” e “fazer crer”: as relações Brasil-Estados Unidos a partir do jornal *Última Hora* (1951-1954)

---

Natália Abreu Damasceno<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho investiga as relações Brasil-EUA entre 1951-1954 sob o viés do condicionamento da opinião pública e do imaginário político brasileiro. Considerando as tensões do início da Guerra Fria, a política de “barganha nacionalista” empreendida por Vargas e a oscilação entre momentos de autonomia e dependência que marcaram as relações Brasil-EUA, analisaremos as publicações do *Última Hora* – que se tornou um influente jornal de circulação nacional e porta-voz dos desígnios do Estado - entre o seu surgimento e o suicídio de Vargas. Isso será efetuado por intermédio da análise das imagens mentais e dos sentidos compartilhados e veiculados a fim de construir ou reafirmar estereótipos acerca de ambos os países. Seguindo as tendências da Nova História Política, que evidenciam a urgência de diversificar o estudo dos papéis desempenhados por diferentes atores sociais e observar as relações de poder que compõem o “político”, entendemos que deslocar o foco de análise do âmbito burocrático para investigar as relações entre os dois gigantes da América privilegiando a dimensão simbólica das forças políticas em jogo, abre caminhos para a compreensão das tensões e contradições latentes desse contexto.

**Palavras-chave:** opinião pública, relações Brasil-Estados Unidos, imaginário político.

### For the power to “make see” and “make believe”: Brazil-US relations through the *Última Hora* newspaper (1951-1954)

**Abstract:** This article surveys the Brazil-US relations between 1951 and 1954 under the conditioning of public opinion and the Brazilian political imaginary. Considering the tensions of the beginning of the Cold War, Vargas’ policy of “nationalist bargain” and the swing between moments of autonomy and dependence that featured the Brazil-US relations, we analyze *Última Hora*’s – an important newspaper of national range that served the purposes of the State – editions, from its foundation until Vargas’ suicide, looking for the mental images and the set of shared meanings that are conveyed in order to create or reaffirm stereotypes of both countries. Following the New Political History trends, which urge to diversify the social actors and to observe the power relations that lies beneath what’s considered to be “political”, we understand that drawing the focus from the bureaucratic framework to the symbolic framework make ways to enhance the comprehension of the tensions and contradictions of the relations between Brazil and United States.

**Keywords:** Public opinion, Brazil-US relations, political imaginary.

# PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

Artigo recebido em 07/11/2014 e aceito em 25/11/2014

Este artigo levanta questões pertinentes ao estudo das relações Brasil-Estados Unidos pela via do condicionamento da opinião pública e do imaginário político brasileiros. A investigação conduzida pela pesquisa em questão orienta-se de modo a possibilitar o mapeamento da construção e difusão de estereótipos legitimadores de posturas amigáveis, e de seus hiatos, que delinearão as relações entre ambos os países durante o segundo governo Vargas. Tal análise se pauta no exame das publicações do *Última Hora*, influente jornal carioca de circulação nacional e porta-voz dos desígnios do Estado, desde o seu surgimento, em junho de 1951, até o número que noticia o suicídio de Vargas, em agosto de 1954. Confrontando essas fontes com documentos complementares, buscamos encontrar tensões e consensos que fizeram parte do imaginário político brasileiro a respeito das suas relações com os Estados Unidos.

Por meio dessa proposta de estudo, discutiremos um caminho de análise que investiga as relações Brasil-Estados Unidos a partir de uma perspectiva de expansão do político, ou seja, levando em consideração as forças sociais que extrapolam a esfera estatal e burocrática. Dessa maneira, ao pensarmos as contradições que permearam os momentos de tensão e cooperação entre Brasil e EUA observando as imagens mentais e o conjunto de sentidos e significados compartilhados e difundidos por um veículo midiático, nos deparamos com questões referentes à multiplicidade de atores presentes no embate entre forças políticas antagônicas, à relevância do imaginário social para a legitimação e implementação de políticas de governo e ao entendimento da opinião pública como um campo de disputa por poder.

Muito tem sido produzido sobre os anos da Segunda Guerra Mundial e da Política da Boa Vizinhança, período em que o Tio Sam se fez intensamente presente nas formas brasileiras de ver, sentir e explicar o mundo<sup>II</sup>. No entanto, o que acontece com as relações dos Estados Unidos com o Brasil, seu grande aliado sul-americano, quando cessa a Guerra e as preocupações estadunidenses se voltam para a reconstrução da Europa devastada? Quais os efeitos da política nacionalista e desenvolvimentista de Vargas sobre as relações brasileiras com os EUA? Esse trabalho se aproxima dessas questões a partir do que Paulo Visentini<sup>III</sup> observa sobre a política externa do segundo governo Vargas. Em tempo, o autor sustenta que Getúlio Vargas rompeu padrões diplomáticos ao implementar a “barganha nacionalista”, ou seja, o apoio estratégico a Washington em troca de cooperação econômica e auxílio dos EUA ao desenvolvimento brasileiro.

Ainda que à primeira vista os problemas levantados flertem com a tradicional história diplomática ou mesmo pareçam privilegiar atores e instituições há mais tempo considerados legítimos e por longo período tidos como exclusivos dentro da história política, nossa investigação recai sobre um campo um tanto mais complexo mas não menos importante, o do condicionamento da opinião pública e do imaginário político. Segundo Baczo<sup>IV</sup>, qualquer poder, e designadamente o poder político, se rodeia de representações coletivas. Nessa perspectiva,

## PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

nenhuma relação social ou instituição política se sustentam “sem que o homem prolongue a sua existência através das imagens que tem de si próprio e de outrem”<sup>v</sup>. Dessa maneira, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico que nos permite desnudar a função que assumem para si os atores políticos. Nesse sentido, vemos nas edições do *Última Hora* uma possibilidade de analisar imagens mentais construídas acerca do Brasil, e do tipo de relação que se tem ou se deseja ter com os EUA. Esse é um caminho viável para se lançar novas luzes à velha problemática da nossa autonomia e/ou dependência em relação à grande potência do continente americano.

O campo das relações entre Brasil e Estados Unidos comporta uma complexa rede de relações plurais que se imbricam nos mais diversos domínios da vida social e assumem diferentes formas ao sabor dos contextos e circunstâncias históricas. Sendo assim, é flagrante não só a ausência de uma constante que explique e seja capaz de prever os modos pelos quais se relacionam as duas maiores nações da América, como também é notável a inexistência de uma interpretação uníssona sobre o tema. No entanto, novas perspectivas tanto na História das Relações Internacionais quanto na História Política trouxeram à lume aspectos que nos parecem ser chave na tentativa de sanar as ambiguidades e contradições que permeiam o estudo das relações entre Brasil e Estados Unidos. Desse modo, pensar elementos como as relações entre política interna e política externa, a multiplicidade de sujeitos e projetos heterogêneos em jogo dentro de um contexto nacional, lançar mão de periodizações conceituais, analisar a multilateralidade das relações entre países de centro e periferia e reivindicar uma maior diversidade de fontes que diga respeito não só à perspectiva estadunidense, mas também à brasileira, têm se mostrado estratégias frutíferas para superar os problemas inerentes a esse objeto de estudo.<sup>vi</sup>

Para José Flávio Sombra Saraiva<sup>vii</sup>, o período entre os anos de 1947 e 1955 correspondeu a um momento “quente” da Guerra Fria, marcado principalmente pela corrida atômica. Sob a forte tônica anticomunista da Doutrina Truman, a qual tinha como premissa apoiar e proteger os “povos livres” da infiltração soviética, as tensões se intensificaram também no hemisfério ocidental. Nesse contexto, a política externa estadunidense estava voltada para a contenção do comunismo, em especial nas supostas áreas de risco, como a Europa Central e Oriental, e parte da Ásia. No Brasil, a experiência da Segunda Guerra Mundial havia aumentado dramaticamente as exportações brasileiras e oferecido, diante da fraqueza da Europa devastada, a oportunidade única de construir um modelo de desenvolvimento econômico controlado pelo próprio Estado<sup>viii</sup>. No entanto, tão logo terminado o conflito, os EUA, que desempenhavam um importante papel de apoio à industrialização e ao desenvolvimento brasileiros à época, perderam o interesse em investir no seu principal aliado de guerra latino-americano<sup>ix</sup>. Sendo assim, uma vez que a América Latina não era, naquele momento, considerada uma “zona de risco”, em 1950, essa era a única região do mundo a não ser beneficiada por um programa de auxílio econômico maciço dos EUA<sup>x</sup>. O chamado Ponto IV, espécie de “primo pobre” do Plano Marshall<sup>xi</sup> era insuficiente para a demanda latino-americana e, portanto, grande parte dos capitais estadunidenses destinados ao subcontinente eram oriundos de empreendimentos privados.

Essas circunstâncias geraram um clima de frustração que contrastava com a prosperidade econômica brasileira derivada da participação na Segunda Guerra Mundial. Na esfera das

## PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

chancelarias, a política de alinhamento automático da gestão do presidente Dutra obteve poucas retribuições por parte dos EUA. Ainda que em posição de subserviência político-diplomática e econômica, o Brasil não conseguiu estabelecer as tão esperadas relações especiais com a potência estadunidense<sup>XII</sup>. No plano da política interna, o Brasil experimentava um crescimento de partidos e movimentos de esquerda, os quais eram a expressão de uma classe média e trabalhadora em luta por maior participação no jogo político<sup>XIII</sup>. Pressionados pela forte perseguição política da “democracia estrangulada” de Dutra, esse grupos sinalizavam outros caminhos para conduzir o desenvolvimento e a industrialização brasileira<sup>XIV</sup>. À sombra de bandeiras como o “queremismo”, que exigia o retorno de Vargas ao poder já no final do Estado Novo e da campanha do “Petróleo é nosso”, comunistas, nacionalistas e trabalhistas se uniram na defesa do nacional-desenvolvimentismo como modelo ideal de inserção internacional do Brasil. Nessa proposta estavam em jogo uma ampliação do papel do Estado no estímulo às indústrias e ao mercado interno, a busca por uma maior autonomia em relação aos EUA e o debate sobre a exploração dos recursos energéticos brasileiros. Essas forças políticas pediam uma postura de barganha em relação aos EUA, e Vargas foi escolhido como “o líder capaz de negociar interesses nacionais com mais firmeza”<sup>XV</sup>. Dessa maneira, o segundo governo Vargas quebrou o padrão de submissão diplomática empreendido por Dutra propondo uma dinâmica bilateral: usava as relações internacionais como instrumento de promoção de um projeto nacional de modernização, aliando o aparelhamento econômico e industrial à defesa nacional<sup>XVI</sup>.

Entretanto, se por um lado geraram-se tensões nas relações, motivando o Brasil a buscar outros aliados políticos e comerciais, por exemplo, junto aos países do Cone Sul<sup>XVII</sup>, por outro, a influência estadunidense decorrente da grande proximidade nos anos da Guerra e da Política da Boa Vizinhança deixou marcas no imaginário brasileiro de forma que o pan-americanismo era parte determinante da cultura dita moderna no Brasil e andava de mãos dadas com o progresso<sup>XVIII</sup>. Por isso, para que fosse possível tornar a política de “barganha nacionalista” legítima, numa sociedade na qual as elites liberais eram predominantemente conservadoras, era preciso ajustar posturas e refinar imagens mentais sobre o Brasil e seu ora “vilão”, ora “aliado”, os EUA.

Diante desse cenário e levando em conta a necessidade de se pensar a multilateralidade das relações Brasil-EUA e a multiplicidade de atores em disputa pela legitimidade de seus projetos políticos, a nossa investigação olha para a política externa a partir de esquemas de percepção difundidos internamente. Dessa maneira, nossa análise se estrutura em torno da seguinte pergunta: quais discursos foram construídos e difundidos pela imprensa varguista a fim de legitimar uma política externa que impunha limites ao alinhamento aos EUA? Partindo deste ponto, vamos às implicações teórico-metodológicas dessa abordagem e, em seguida, vislumbraremos alguns de seus resultados parciais.

Falar em opinião pública é adentrar a um terreno escorregadio e inseguro, mas necessário. Ao mergulhar em tal empreitada, dialogamos com as tendências da Nova História Política, que atendendo a demandas sociais desejosas de explicações para as intensas transformações do século XX, ampliou seus objetos de estudo e desviou o foco das grandes figuras e instituições políticas mediante o aprofundamento do diálogo com outras ciências sociais<sup>XIX</sup>. Esse processo que se agravava desde a década de 1970, quando a chamada história política tradicional mostrava

## PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

explícitos sinais de estagnação e insuficiência diante das questões postas pela contemporaneidade, tornou urgente a diversificação dos atores sociais e a compreensão das relações de poder que, de fato, compõem o político<sup>XX</sup>. Segundo Rémond<sup>XXI</sup>, o político se estende para muito além do poder do Estado, seu principal símbolo e instrumento. Ele se dilata e invade até mesmo as esferas mais privadas ou se retrai ao externo. Nessa perspectiva, o político é uma modalidade da prática social, é o exercício da disputa por poder e o palco das lutas por projetos de gestão da vida em sociedade.

Entendendo o poder como categoria chave para compreender essa expansão da definição do político, Ciro Flamarion Cardoso<sup>XXII</sup> afirma que qualquer autoridade somente se sustenta mediante legitimação. Em outras palavras, o poder não é um atributo apenas de quem o exerce, mas uma relação de troca entre dominantes e dominados. Dessa maneira, o poder é pensado como uma crença compartilhada socialmente – mas não isenta de oposição – que vai além do uso da força e da violência, pois também utiliza-se da coação material e simbólica. A obra *O poder simbólico*, do sociólogo Bourdieu<sup>XXIII</sup> verticaliza essa discussão explicitando o sistema simbólico de representações que regem a prática social e dão legitimidade ao poder político. Segundo Bourdieu, é nas disputas pelo “fazer ver” e “fazer crer”, travadas por forças sociais circunscritas num campo de poder, que se define a forma legítima de dominação. Desse modo, o poder simbólico é o poder de construção da realidade que estabelece o sentido imediato do mundo social, sedimentando concepções homogêneas de tempo, espaço, causa e mesmo do devir, o que contribui para a reprodução da ordem social. Nesse sentido, a significação política dos fatos e acontecimentos da vida social não é natural, mas passa pelas “lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social”<sup>XXIV</sup>.

Semelhante modelo interpretativo abre perspectivas que apontam para uma análise mais abrangente das vias por onde transita o político. Ora, se as nossas vias de acesso ao mundo também compõem o político, por meio da disputa pelo “fazer ver” e “fazer crer”, isso nos leva a uma forma mais complexa de se pensar o exercício do poder e da dominação, os quais, de acordo com Bourdieu raramente são efeito de uma imposição imperativa, mas fruto da contribuição dos agentes (incluindo os dominados).

De acordo com Walter Lippmann<sup>XXV</sup>, os cidadãos experimentam o mundo de segunda mão, por meio de uma realidade filtrada pelo prisma de interpretações alheias. A complexidade do mundo moderno faz com que, nos regimes democráticos, sejamos convocados a decidir sobre coisas que não experienciamos. Diante disso, criamos imagens de um mundo que não podemos alcançar e é precisamente baseado nessas representações que nos posicionamos e atuamos sobre a realidade<sup>XXVI</sup>. Dessa maneira, “A forma pela qual o mundo é imaginado determina em qualquer momento particular o que os homens irão fazer.”<sup>XXVII</sup>. Para Lippmann, é por meio desse processo que a opinião pública é forjada. Esta, por sua vez é composta pelas imagens mentais dos homens – as quais são uma mistura de imagens próprias, de imagens pensadas por outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamentos – que conduzem a sua ação social.

Esse autor define ainda uma categoria essencial para pensarmos a nossa pesquisa, os estereótipos. Para ele, os estereótipos forjam nossos padrões (*standards*) e são internalizados por intermédio das artes, dos códigos morais, das filosofias sociais e das agitações políticas.

## PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

Acrescenta que o homem define algo antes mesmo de vê-lo, pois muitas vezes lhe contam sobre o mundo antes mesmo que possa experimentá-lo. Assim, diante da avalanche de acontecimentos no ‘mundo externo às nossas cabeças’ (*the outer world*) “nós pinçamos o que a nossa cultura já definiu por nós, e tendemos a perceber o que pinçamos sob a forma que nos foi estereotipada pela nossa cultura.”<sup>XXVIII</sup>. Nesse sentido, entendemos que o condicionamento da opinião pública, ou seja, uma das estratégias discursivas para produzir legitimidade ao projeto político de um agente, não acontece de forma unilateral, há que se dialogar com as estruturas mentais preexistentes numa sociedade. Caso contrário, haverá ruído na decodificação do real, comprometendo a identificação ou a adesão coletiva.

Jean-Jacques Becker<sup>XXIX</sup> discute algumas especificidades da qual o historiador deve se dar conta ao trabalhar com opinião pública. Ao afirmar que estudamos o processo de condicionamento da opinião pública brasileira num dado contexto, dois aspectos devem ser levados em consideração. Em primeiro lugar, não acreditamos que haja uma opinião pública no singular. Sob o ponto de vista da história, a opinião pública é plural e comporta um fervilhamento de opiniões e percepções particulares do real. Desse modo, “Para o historiador, o singular, empregado muitas vezes por comodidade, corresponde a uma realidade plural, às tendências da opinião pública.”<sup>XXX</sup>. Já o segundo aspecto, diz respeito a uma distinção necessária. Visto que não analisamos a opinião pública em si, mas os mecanismos empregados para exercer influência sobre a mesma, torna-se imprescindível diferenciar a manipulação da opinião pública do seu condicionamento. De acordo com Becker, manipular é “provocar de maneira artificial uma reação da opinião pública”, por meio, por exemplo, da divulgação de uma notícia falsa. Já o condicionamento da opinião pública está ligado a uma influência semelhante ao resultado de uma propaganda a curto prazo, enquanto que a longo prazo condiz com o processo de fabricação das mentalidades coletivas. Dessa maneira, ao analisarmos as colunas, anúncios, imagens e editoriais do *Última Hora* observamos como esse jornal getulista privilegia e enfatiza temas, exclui ou apresenta outros, propõe debates políticos e remete-se a representações já arraigadas socialmente para reforçá-las ou desconstruí-las.

Propomos então, uma análise da atividade produtora de estereótipos e opiniões, ou como prefere Bourdieu, a do *modus operandi* em detrimento do *opus operatarum*<sup>XXXI</sup>. Nessa perspectiva, a nossa investigação tem também o imaginário como categoria fundamental. Segundo Bronislaw Baczko<sup>XXXII</sup>, as representações coletivas que sustentam o poder político guiam as ações, modelam comportamentos, mobilizam energias e legitimam as violências (reais ou simbólicas). Capaz de transformar o arbitrário em legítimo, o imaginário constitui pontos de referência- em um vasto sistema simbólico - construídos pelas coletividades por meio dos quais elas se percebem, percebem os outros (amigos, inimigos, rivais, aliados etc) e o mundo que as rodeia. É a partir do imaginário que se elabora objetivos de uma coletividade, assim como as suas crenças comuns e a distribuição dos papéis e posições sociais.

Visto que o nosso trabalho pensa tais categorias como chaves explicativas para as inúmeras contradições das relações Brasil-EUA no conturbado início da década de 1950, integramos os recentes debates a respeito da importância da perspectiva histórica sobre as relações internacionais à medida que analisamos os meandros das redes de poder<sup>XXXIII</sup>. Para tanto, ainda que nossa investigação perpassasse o campo das relações internacionais, entendemos a

# PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

escolha de uma fonte midiática como o mais acertado veículo de acesso ao condicionamento da opinião pública e do imaginário político brasileiros, já que a mídia estabelece uma relação de proximidade maior com a produção de sentidos e de significados que fontes diplomáticas, cuja leitura é restrita a uma ou duas dezenas de pessoas ‘autorizadas’. Sendo assim, vamos ao jornal *Última Hora*.

Fundado em 12 de junho de 1951, pelo jornalista Samuel Wainer, o *Última Hora* tornou-se um importante integrante da vanguarda da imprensa brasileira, que na década de 1950 experimentava transformações estruturais. O *boom* do fotojornalismo, a especialização dos funcionários dos jornais, o aumento dos salários dos profissionais da imprensa, a sofisticação dos correspondentes internacionais e o colunismo marcaram a transição do jornalismo de opinião para o jornalismo empresarial<sup>XXXIV</sup>. A demanda por dinamismo, decorrente do processo de industrialização do pós Segunda Guerra trouxe mudanças não só no conteúdo dos jornais, mas também na estratégia narrativa. Não havia mais tempo para jornais rebuscados e o público interessado em longas exposições editoriais de opinião vinha diminuindo<sup>XXXV</sup>. Este processo veio acompanhado da desnacionalização da imprensa brasileira, que fortemente influenciada pela iniciativa privada, rapidamente tornou-se instrumento político nas mãos da propaganda e do marketing estrangeiros e de novos grupos que emergiam no cenário político nacional<sup>XXXVI</sup>.

Naquele contexto, o modelo de jornalismo e os investimentos estadunidenses foram fundamentais para atender às novas expectativas de uma sociedade em transformação. Tal “afinidade” com a imprensa estadunidense é flagrante nas páginas do *Última Hora*:

Hoje, dia 18 de novembro de 1952, [tiramos o chapéu] aos profissionais da imprensa norte-americana, pelo novo surto de aproximação e contato com seus colegas brasileiros, de modo a poder ser firmemente consolidado o nosso intercâmbio de interesse, que precisa ser visto e conhecido com mais intimidade e mais conhecimento.<sup>XXXVII</sup>

Como vimos, o “surto de aproximação” ao modelo de imprensa dos EUA – entendido como uma ascensão à modernidade capitalista - é motivo de orgulho, pois precisa “ser visto e conhecido” por todos. Esse fenômeno, segundo Ribeiro, não se limita a questões financeiras e se pauta numa autoridade reconhecidamente legítima que se tem da potência como agente da modernidade:

Reformar os jornais, afiná-los aos padrões norte-americanos, ainda que apenas retoricamente, significava inserí-los formalmente na ‘modernidade’. No contexto dos anos 1950-60, significava conferir ao campo jornalístico um capital simbólico sem precedentes, significava fazer do seu discurso uma ‘fala autorizada’ e transformar a imprensa em ator social reconhecido.<sup>XXXVIII</sup>

Considerando que a mídia, no curto prazo, tem o poder de reforçar convicções estabelecidas e no longo prazo é capaz de “modelar as culturas e as atitudes estáveis sobre as quais floresceriam mais tarde os comportamentos instantâneos.”<sup>XXXIX</sup>, pensamos que o poder e a influência que as instituições estadunidenses exerciam sobre os jornais brasileiros são

## PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

sintomáticos da construção de uma cumplicidade em relação aos EUA. Porém, tal influência não excluía das páginas da imprensa, o desejo de autonomia e a necessidade de auto-afirmação brasileiros. Ao lado dos muitos anúncios de produtos estadunidenses, geralmente vinculados à ideia de eficiência e qualidade de vida, é possível vislumbrar brados de nacionalismo a atacar os chamados “trustes internacionais”. Vejamos o que a mesma edição de novembro de 1952 noticia sobre a polêmica da exploração do petróleo no Brasil:

De tanto ouvir o refrão de que o melhor instrumento para impedir a exploração do petróleo brasileiro é a Petrobrás, pois só o capital estrangeiro poderia assumir encargos dêsse [sic] empreendimento, o Sr. Landulfo Alves advertiu ao autor de tais afirmativas da sua situação de advogado dos “trusts” internacionais...<sup>XL</sup>

Ainda, em outra reportagem da mesma edição a abundância do petróleo brasileiro é exaltada também com ênfase na autonomia dos seus meios de exploração. Em entrevista com um engenheiro em operações de perfuração de poços de petróleo na Bahia, lemos:

Conforme você viu, em se furando dá. Precisamos furar, furar muito. Para isso temos urgente necessidade de sondas, centenas delas e então, estará resolvido o tão debatido problema do petróleo no Brasil. Pouco, ou quase nada dependemos do exterior no tocante ao material humano...<sup>XLI</sup>

Para além da referência ao relato de Caminha do século XVI sobre a abundância das nossas riquezas (“em se plantando, tudo dá”), a reportagem exalta os “soldados do petróleo” brasileiros, bem como os empreendimentos do CNP (Conselho Nacional do Petróleo) como agentes capazes de conduzir o progresso nacional.

Com uma tiragem que chegava a 100 mil exemplares nas segundas-feiras já nos primeiros anos de sua existência, o *UH* rapidamente se espalhou por outras cidades do Brasil como São Paulo e Porto Alegre. Além disso, reuniu os melhores redatores e jornalistas da época, os quais foram atraídos pelos altos salários oferecidos. Em estudo mais aprofundado sobre as empresas jornalísticas do Rio de Janeiro nos anos de 1950, Ana Paula Ribeiro<sup>XLII</sup> aponta para a “dependência” dos jornais em relação ao Estado e situa o *Última Hora* como o terceiro grande beneficiário de concessões públicas, empréstimos estatais e de estreitas relações com o Banco do Brasil. Enquanto Jeanneney<sup>XLIII</sup> afirma que para entender a real influência do poder público na imprensa é necessário estudar o dinheiro mais ou menos oculto que a irriga, Ribeiro ressalta, que os empréstimos de órgãos estatais não necessariamente significam a perda de autonomia ou submissão do jornal. Esclarecendo tal posição, a autora dialoga com Gisele Goldstein e entende o *UH* como instrumento que “empregou as técnicas importadas e desenvolvidas no processo de conformação dessa indústria nos Estados Unidos [indústria cultural], mas os colocou a serviço da política (no caso, o populismo varguista)”<sup>XLIV</sup>. Dessa maneira, entendendo a imprensa não só como um agente de disputas políticas, mas também como uma empresa que precisa lucrar para funcionar, demos a devida importância às relações de poder nas quais o jornal está imbricado e às suas instâncias de produção e financiamento.

## PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

Internamente, o surgimento do *UH* representou uma afronta às oligarquias que controlavam a grande imprensa brasileira, tanto pela origem pobre de Wainer quanto pelo projeto político que representava. Num meio em que os *Diários Associados* eram do magnata Chateaubriand, o *Correio da Manhã* dos Bittencourt e *O Globo* da família Marinho dificilmente haveria espaço para um ex-reporter judeu nascido de família pobre no Bom Retiro. Além disso, o jornal de Samuel Wainer surgiu num momento em que a opinião pública brasileira estava às voltas com o dilema do modelo de desenvolvimento nacional a seguir. Segundo Plínio Ramos, a sociedade brasileira à época estava dividida entre entreguistas, ou seja, aqueles que acreditavam que o desenvolvimento e a industrialização do país deveriam ser realizados com a entrada irrestrita de capital estrangeiro – especialmente dos EUA –, e nacionalistas, isto é, os que acreditavam que o Estado deveria ser o protagonista do processo de desenvolvimento do Brasil por meio do fortalecimento da indústria doméstica e do mercado interno. Enquanto as elites se alinhavam mais aos “entreguistas”, Vargas se posicionava – ao menos em grande parte de seus discursos – junto aos “nacionalistas”. Sendo assim, a grande imprensa brasileira, representante da elite liberal que lucrava com a abertura irrestrita ao capital estrangeiro, colocou-se radicalmente contra as propostas de Vargas. Ao acompanhar de perto toda a campanha desse candidato para as eleições de 1950, Wainer constatou que “A imprensa parecia decidida a silenciar sobre os passos do ex-ditador”<sup>XLV</sup>. Sobre a animosidade da oposição da mídia impressa a Vargas, D’ARAÚJO pondera que:

A oposição sistemática da imprensa não logra minar as bases do getulismo, mas constitui-se efetivamente em fator primordial para a formulação do que se poderia chamar de *antiprojeto* [sic], já que é formulado basicamente sobre a não-aceitação das medidas tomadas pelo Governo. Ao nível ideológico, é através da grande imprensa que se expressam fundamentalmente as críticas dirigidas à política de Vargas. É através dela que as insatisfações e divergências dos grupos dominantes ganham ressonância, transformando os grandes jornais em núcleos poderosos da resistência ao Governo.<sup>XLVI</sup>

É precisamente sob essas circunstâncias que Getúlio propõe a Wainer, que havia se desligado dos *Diários Associados* em março de 1951, a fundação de um jornal de massas capaz de fazer frente à oposição da grande mídia. A fim de preservar a fachada de “imprensa livre” do *Última Hora*, Wainer somente revelou que o periódico havia sido criado a pedido do presidente quase quarenta anos depois, em seus relatos memorialísticos<sup>XLVII</sup>. Da mesma forma, ainda que explicitamente getulista, estampando uma carta de Vargas celebrando a criação do jornal na primeira página da edição inaugural, Wainer enfatizava que o *UH* era um jornal do povo para o presidente, e não o contrário. No entanto, mais do que uma arma de luta do povo, o *Última Hora* era um instrumento de legitimação do poder político de Vargas, dotado de uma produção simbólica própria, em resposta às pressões da oposição.

De modo geral, o *Última Hora* oferece amplos recursos para pensar as tensões do dilema da modernidade no Brasil e o processo de definição de seu papel no cenário internacional. Reunindo uma linguagem acessível – mesclada com fotografias e ilustrações – a temáticas de forte apelo popular, que evocavam o nacionalismo varguista, o *Última Hora* se tornou um poderoso veículo difusor de imaginários. Dotado de amplo apoio financeiro – inclusive de

# PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

agências publicitárias dos EUA- e ajustado aos moldes de imprensa estadunidenses, o periódico, estreitamente ligado ao Estado brasileiro, nos serve de portal de acesso a algumas das contradições que marcaram as relações Brasil-Estados Unidos. Entre os anúncios de marcas estrangeiras, ataques ao comunismo e odes às potências capitalistas, encontramos espaços significativos para a discussão de políticas nacionalistas, de restrições ao capital estrangeiro, e demais recursos que transformassem o Brasil num país autônomo e capaz de negociar de igual para igual com os Estados Unidos.

Considerando o exposto, esse trabalho surge da necessidade de trilhar um caminho indicado, teorizado e esboçado por importantes obras das Relações Internacionais, Ciências Políticas e mesmo da Comunicação, mas que foi percorrido por poucos, especialmente no campo da História. Em sua maioria, a florescente produção que se utiliza de periódicos do início da década de 1950 para acessar o imaginário político e social brasileiro, o faz com ênfase no processo “americanização” do Brasil, endossando o alinhamento quase automático aos EUA<sup>XLVIII</sup>. Dada a relevância do tema e sua repercussão no modo como nos vemos e como vemos os Estados Unidos no presente, nos debruçamos sobre as relações entre os dois países visando compreendê-las na sua complexidade por meio de uma perspectiva e método históricos. Acreditamos que o olhar histórico tem muito a oferecer ao debate, já que, atento às dessemelhanças e às transformações da humanidade ao longo do tempo, permite a compreensão mais acurada dos padrões e mecanismos sociais que servem de resposta à mudança histórica em geral<sup>XLIX</sup>. Assim, o período em questão, marcado pela tensão do início da Guerra Fria e pela entrada do Brasil na modernidade, pede uma abordagem histórica capaz de explicar tão intensas mudanças. Esse é um desafio ao qual a História Política não pode se furtar de abraçar.

## NOTAS

---

<sup>I</sup> Mestranda em História Política e Movimentos Sociais (PPH-UEM). Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET). Este artigo diz respeito a uma pesquisa em andamento que culminará numa dissertação de mestrado.

<sup>II</sup> MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. 8ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

<sup>III</sup> VISENTINI, Paulo G. O Populismo e as relações Brasil-EUA (1945 a 1964): a dialética do alinhamento e da autonomia. In: MUNHOZ, Sidnei J.; SILVA, Francisco Teixeira da. (orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2010.

<sup>IV</sup> BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social* In: Leach, Edmund et Alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

<sup>V</sup> Op. cit., p.6

<sup>VI</sup> Ver: SARAIVA, José Flávio Sombra. **História das relações internacionais contemporâneas**. São Paulo: Saraiva, 2008 e MUNHOZ, Sidnei J.; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2010.

<sup>VII</sup> Op. cit.

<sup>VIII</sup> MCCANN, Frank. Brazil and the World War II: The Forgotten Ally – What did you do in the war, Zé Carioca?. **Estudos Interdisciplinarios de America Latina Y el Caribe**. vol 6. n. 2. jul-dec, 1995.

<sup>IX</sup> Idem.

# PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

---

<sup>X</sup> BETHELL, Leslie. From the Second World War to the Cold War: 1944-1954. In: LOWENTHAL, Abraham F. (ed). **Exporting Democracy: The United States and Latin America – Themes and Issues**. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1991.

<sup>XI</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000

<sup>XII</sup> VISENTINI, Paulo G. O Populismo e as relações Brasil-EUA (1945 a 1964): a dialética do alinhamento e da autonomia. In: MUNHOZ, Sidnei J. ; SILVA, Francisco Teixeira da. (orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2010.

<sup>XIII</sup> BETHELL, Leslie. From the Second World War to the Cold War: 1944-1954. In: LOWENTHAL, Abraham F. (ed). **Exporting Democracy: The United States and Latin America – Themes and Issues**. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1991.

<sup>XIV</sup> MUNHOZ, Sidnei J. Na gênese da Guerra Fria: os EUA e a repressão ao comunismo no Brasil. In: MUNHOZ, Sidnei J.; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2010

<sup>XV</sup> CERVO, Amado Luiz. **Relações internacionais da América Latina: Velhos e novos paradigmas**. Brasília: IBRI, 2001.p. 115.

<sup>XVI</sup> CERVO, Amado Luiz. **Relações internacionais da América Latina: Velhos e novos paradigmas**. Brasília: IBRI, 2001.pp.23-144.

<sup>XVII</sup> VISENTINI, Paulo G. O Populismo e as relações Brasil-EUA (1945 a 1964): a dialética do alinhamento e da autonomia. In: MUNHOZ, Sidnei J. ; SILVA, Francisco Teixeira da. (orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2010.

<sup>XVIII</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

<sup>XIX</sup> REMOND, René (org). **Por uma História Política**. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

<sup>XX</sup> JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (dir.). *História: novas abordagens*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

<sup>XXI</sup> Op. Cit.

<sup>XXII</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. *História e poder: uma nova história política?*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

<sup>XXIII</sup> BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

<sup>XXIV</sup> BOURDIEU, 2007, p. 113.

<sup>XXV</sup> LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. New York: Free Press Paperbacks, 1997. Vale lembrar que a obra *Public Opinion*, à qual nos referimos, foi originalmente publicada em 1922.

<sup>XXVI</sup> BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

<sup>XXVII</sup> LIPPMANN, 1997, p.16 – tradução nossa

<sup>XXVIII</sup> LIPPMANN, 1997, p.55 – tradução nossa.

<sup>XXIX</sup> BECKER, Jean-Jacques. *A opinião pública*. In: REMOND, René (org). **Por uma História Política**. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

<sup>XXX</sup> Idem, p. 190-191.

# PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

- XXXI BOURDIEU. Op. cit. 2007. Utilizamos esta terminologia de Bourdieu para explicitar o tipo de análise que pretendemos conduzir. Segundo o autor, *modus operandi* seria a atividade produtora da consciência, base do poder simbólico e, portanto, nosso objeto de análise, já a análise do *opus operatum* corresponde às estruturas estruturadas, ou seja, a o que de concreto resultou da legitimidade conferida a uma autoridade pelo poder simbólico.
- XXXII BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social* In: Leach, Edmund et Alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- XXXIII SARAIVA, José Flávio Sombra. **História das relações internacionais contemporâneas**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- XXXIV BARROS, Theodoro de; CASTRO, Moacir Werneck de *et. all.* *A Última Hora de Samuel: nos tempos de Wainer*. Rio de Janeiro: ABI-Copim, 1993.
- XXXV RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização na imprensa carioca nos anos 50. **Estudos Históricos**. N. 31. Rio de Janeiro, 2003, p. 147-160.
- XXXVI MARIA, Maurício de Fraga Alves. Das Gossip Columns às novas colunas sociais brasileiras: política e modernização na imprensa brasileira nas décadas de 1950 e 1960. **Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**. N. 33. São Paulo, 2008.
- XXXVII LOET, Carlos R. M. De. Tiramos o Chapéu. Na Hora H.... **Última Hora**. Ed. 442. Rio de Janeiro, 18 out. 1952, p.2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030> . Acesso em 31/10/2014.
- XXXVIII RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização na imprensa carioca nos anos 50. **Estudos Históricos**. N. 31. Rio de Janeiro, 2003, p. 158.
- XXXIX JEANNENEY, Jean-Noël. *A mídia*. In: REMOND, René (org). **Por uma História Política**. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.p.217
- XL ALENCAR, Humberto. Clima de agitação contra a Petrobrás. **Última Hora**. Ed. 442. Rio de Janeiro, 18 out. 1952.p.3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030>. Acesso em 31/10/2014.
- XLI MONTENEGRO, José. Em se furando dá... **Última Hora**. Ed. 442. Rio de Janeiro, 18 out. 1952.p.12. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030>. Acesso em 31/10/2014.
- XLII RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Clientelismo, corrupção e publicidade: Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?. **Ciber Legenda**. N. 8. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/336>. Acesso em 22/11/2013.
- XLIII JEANNENEY, Jean-Noël. Op. Cit.
- XLIV RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização na imprensa carioca nos anos 50. **Estudos Históricos**. N. 31. Rio de Janeiro, 2003, p. 156.
- XLV WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**. 15ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1993, p.35
- XLVI D'ARAUJO, Maria Celina Soares. *O Segundo Governo Vargas(1951-1954): democracia, partidos e crise política*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992, p.29
- XLVII WAINER, Samuel. Op. Cit.
- XLVIII Não só a leitura das obras aqui mencionadas mas também o levantamento de artigos publicados em anais de eventos e em periódicos acadêmicos sobre temas correlatos nos ajudou a evidenciar tal tendência.
- XLIX HOBBSAWM. Eric. **Sobre História**. Trad: Cid Knipel Moreira. 4ª. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)**

**NATÁLIA ABREU DAMASCENO**

- 
- BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social* In: Leach, Edmund et Alii. **Anthropos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BECKER, Jean-Jacques. *A opinião pública*. In: REMOND, René (org). **Por uma História Política**. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *História e poder: uma nova história política?*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- BETHELL, Leslie. From the Second World War to the Cold War: 1944-1954. In: LOWENTHAL, Abraham F. (ed). **Exporting Democracy: The United States and Latin America – Themes and Issues**. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1991.
- CERVO, Amado Luiz. **Relações internacionais da América Latina: Velhos e novos paradigmas**. Brasília: IBRI, 2001. pp. 23-144.
- D'ARAUJO, Maria Celina Soares. **O Segundo Governo Vargas (1951-1954): democracia, partidos e crise política**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.
- HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. Trad: Cid Knipel Moreira. 4ª. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JEANNENEY, Jean-Noël. *A mídia*. In: REMOND, René (org). **Por uma História Política**. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao sul do Rio Grande – Imaginando a América Latina em seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.
- LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer: O Corvo e o Bessarabiano**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.
- LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. New York: Free Press Paperbacks, 1997.
- MARIA, Maurício de Fraga Alves. Das Gossip Columns às novas colunas sociais brasileiras: política e modernização na imprensa brasileira nas décadas de 1950 e 1960. **Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**. N. 33. São Paulo, 2008.
- MARTINS, Estevão C. De Rezende. História das relações internacionais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- MCCANN, Frank. Brazil and the World War II: The Forgotten Ally – What did you do in the war, Zé Carioca?. **Estudos Interdisciplinarios de America Latina Y el Caribe**. vol 6. n. 2. jul-dec, 1995.
- MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. 8ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

# PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)

NATÁLIA ABREU DAMASCENO

- 
- MUNHOZ, Sidnei J. Na gênese da Guerra Fria: os EUA e a repressão ao comunismo no Brasil. In: MUNHOZ, Sidnei J.; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2010.
- MUNHOZ, Sidnei J.; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. (orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2010.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Americanos**: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- RAMOS, Plínio de Abreu. **Brasil, 11 de novembro**. São Paulo: Editora Fulgor, 1960.
- REMOND, René (org). **Por uma História Política**. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Clientelismo, corrupção e publicidade: Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?. **Ciber Legenda**. N. 8. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/336>. Acesso em 22/11/2013.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização na imprensa carioca nos anos 50. **Estudos Históricos**. N. 31. Rio de Janeiro, 2003, p. 147-160.
- SARAIVA, José Flávio Sombra. **História das relações internacionais contemporâneas**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- TOTA, Antônio Pedro. **O imperialismo sedutor**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- VALLIM, Alexandre Busko. Da Boa Vizinhaça à Cortina de Ferro: política e cinema nas relações Brasil-EUA em meados do século XX. In: MUNHOZ, Sidnei J.; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da.(orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2010.
- VISENTINI, Paulo G. O Populismo e as relações Brasil-EUA (1945 a 1964): a dialética do alinhamento e da autonomia. In: MUNHOZ, Sidnei J. ; SILVA, Francisco Teixeira da. (orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI**. Maringá: Eduem, 2010.
- WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**. 15ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (dir.). **História**: novas abordagens. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

## FONTES UTILIZADAS:

- ANUÁRIO Brasileiro de Imprensa. Rio de Janeiro: Revista Publicidade e Negócios, 1952.
- ANUÁRIO Brasileiro de Imprensa. Rio de Janeiro: Revista Publicidade e Negócios, 1953-1954.

**PELO PODER DE “FAZER VER” E “FAZER CRER”: AS RELAÇÕES BRASIL-  
ESTADOS UNIDOS A PARTIR DO JORNAL *ÚLTIMA HORA* (1951-1954)**

**NATÁLIA ABREU DAMASCENO**

---

THE DEPARTMENT OF STATE relating to Internal Affairs of Brazil. 1950-1954. National Archives at College Park, College Park, MD. Digital Archive at CDO/LabTempo. Comcap-Complexo de Centrais de Apoio à Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá, Brasil.  
ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro: Ed. Érica, 1951-1954. Diário. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=386030>. Acesso em 15/01/2014